

OPINIÃO
EDITOR
Jary Cardoso

OPINIÃO

opinioao@grupoatarde.com.br

ARTIGOS

Cuidado com a bola em 2014

ADILSON BORGES

O alvo é total entre os políticos nos estados onde vai rolar a bola da Copa de 2014. Na Bahia, o governador Jaques Wagner (PT), com a autoridade que lhe foi conferida pelo povo e o esforço que despendeu para trazer a disputa para Salvador, avança firme na área e começa a chutar para o gol, no ano que vem, quando disputa a reeleição. Na propaganda da televisão, chega a dizer que as obras necessárias à grande disputa vão ficar na capital baiana após os jogos da Copa do Mundo. É óbvio. Alguém pensou que seriam derrubadas?

O ministro da Integração Nacional, Geddel Vieira Lima (PMDB), chuta as sandálias da humildade, amarra as chuteiras e veste calções. Arrumadinho e esbanjando preparação física, faz embaixadas no campo do governo estadual, do qual participa com dois atletas por ele escalados – o vice-governador Edmundo Pereira e o secretário da Indústria, Comércio e Mineração, Rafael Amoedo.

Geddel, que nunca escondeu a vontade de ser dirigente estadual, posiciona-se como embaixador na atração da Copa para a área do seu principal atacante, o prefeito de Salvador, João Henrique Carneiro (PMDB), que também está de olho no governo estadual.

Não é à toa tanto alvoroço. Afinal, todos sabem que futebol e política andam de mãos (e pés) dadas. Na Bahia, por exemplo, quem há de negar a força que o gramado deu à carreira par-

lamentar de nomes como Osório Vilas-Boas, Paulo Carneiro, Marcelo Guimarães, Fernando Schmidt? Ninguém.

Mas é equivocada a visão que, automaticamente, transfere para as urnas o sucesso de quem se deu bem no (e com) futebol. A bola ajuda, é claro, disso ninguém duvida, mas não é tudo. Procede melhor quem pratica o adágio "faça por ti que eu ajudarei". Vejamos três exemplos:

O Brasil perdeu a Copa de 1998. Mas nas eleições daquele ano saiu vitorioso quem estava no poder, o presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), o inaugurador das reeleições no processo político brasileiro.

O Brasil ganhou a Copa de 2002 e sagrou-se pentacampeão mundial. O sociólogo Fernando Henrique Cardoso tentou faturar o episódio elegendo um correligionário do PSDB, o economista José Serra. Foi derrotado fragorosamente pelo metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, do PT.

Em 2006, o Brasil perdeu a Copa. Mas Lula foi reeleito presidente, derrotando outro tucano, Geraldo Alckmin, apesar do PT que atrapalhou bastante, sobretudo com o escândalo do mensalão.

A história, mãe de toda sabedoria, mostra, portanto, que a bola quando está com os pernas-de-pau da política pode até atrapalhar mais do que ajudar. E que é preciso estar atento a outras instâncias das necessidades do povo, que gosta mais de pão do que de circo, para evitar o risco do gol contra.

ADILSON BORGES | Jornalista. E-mail: aborges@grupoatarde.com.br

Entre o aquário e o oceano

CLAUDIA CORREIA

O professor e consultor Antonio Amorim lança hoje, em Salvador, o livro *Construindo Pontes: 10 passos entre o aquário (emprego) e o oceano (trabalho)*. Partindo de reflexões extraídas de sua trajetória profissional, ele nos convida a pensar sobre os nossos projetos de vida mais caros num contexto de crise econômica mundial.

O tema das transformações no mundo do trabalho e dos impactos da reestruturação produtiva do sistema capitalista é muito explorado por intelectuais renomados. Os fenômenos decorrentes da globalização econômica e da automação nos processos produtivos redesenham este cenário do emprego e do trabalho. Os índices de desemprego preocupam a sociedade e os poderes públicos e fala-se muito em empregabilidade. Assistimos a uma crescente desregulamentação que ameaça direitos trabalhistas historicamente conquistados. O trabalhador autônomo ou as micro e pequenas empresas lutam para sobreviver num contexto de desafios.

No Brasil, parece haver no inconsciente coletivo um antigo ideal de não ter patrão. Assim como o sonho da casa própria, o brasileiro médio persegue uma renda que permita um padrão de vida digno, mas ainda possui baixa escolaridade e qualificação profissional insuficiente.

Pegando uma carona na metáfora de Amorim, o aquário sempre soou como um porto seguro, estável, firme. Já o oceano é um lugar de incertezas e riscos onde a criatividade e o ta-

lento precisam estar a serviço de um empreendedorismo racional, planejado. Os que se lançam num mercado de oportunidades muito competitivo e exigente precisam estar conscientes de suas potencialidades, diminuindo as chances de entrarem numa aventura de resultados duvidosos. Quando criamos vínculos fortes com o emprego formal, adotamos até o chamado sobrenome institucional e em geral o processo de aposentadoria é muito doloroso emocionalmente. Afinal, parte de nossa identidade se vai quando entramos nesta fase e se não traçarmos novos projetos a vida parece perder o sentido.

Quais os prós e contra do aquário? Como se preparar para mergulhar fundo no oceano? Que habilidades e competências precisam ser desenvolvidas para esta passagem? Como as políticas públicas têm investido nesta capacitação social? Como abrir mão do certo pelo duvidoso? Como enfrentar os desafios do mundo do trabalho num ambiente hostil e competitivo?

Acredito que não existem receitas prontas, mas, como todo processo social, esta nova concepção sobre o cenário do trabalho no mundo requer muita competência, tanto cognitiva como emocional. O modismo do empreendedorismo pode trazer graves consequências econômicas. Por outro lado, o pânico ou apatia diante das dificuldades de acesso ao mercado formal de trabalho também não nos leva a lugar algum. Por isso, entre o aquário e o oceano um mar de questões nos provoca a sair do imobilismo e ariscar com responsabilidade novos rumos para uma vida produtiva e, sobretudo, feliz.

CLAUDIA CORREIA | Assistente social, jornalista, mestre em planejamento urbano e regional. E-mail: ccorreia6@yahoo.com.br

6

“E pensar que conversamos 5 minutos antes de o avião decolar! Queria ter dito pra você sair daquele avião, pra desistir desta viagem...”

Pedro Fish, amigo de passageira do voo 447 em mensagem no Orkut dela | Leia matéria na página A6

EDITORIAL

Questão de honra

Transcende o aspecto lúdico, meramente esportivo, a indicação de Salvador como uma das 12 sedes da Copa do Mundo de 2014. Às alegrias da agenda festiva juntam-se perspectivas positivas – econômicas, políticas e culturais – com especial destaque para o turismo. Um desejo ardente irá concretizar-se, com a expectativa implícita de que se modernize a capital.

Salvador precisa exprimir no semblante a obstinada fé de seu povo sofrido, mas comunicativo e hospitaleiro. Por isso, as responsabilidades redobram daqui por diante. Já a partir de janeiro próximo serão definidos investimentos, contratos de obras e serviços, prazos a cumprir, capacitação técnica e profissional em vários setores.

O governo do Estado, a prefeitura e o empresariado representam os pilares, as traves e arquivadas dessa empreitada de dois anos, pois tudo deve estar pronto em 2012, para testes, e sede, em 2013, de um ou mais jogos da Copa das Confederações, que antecederá, também no Brasil, o mundial de futebol. Em nome da Bahia, foi assumido um compromisso de honra.

Mais que uma cirurgia plástica de superfície, Salvador requer mudanças profundas de composição e recomposição de

fisionomia e equipamentos urbanos. Sua estrutura de transporte, então, prima pela insuficiência e obsolescência. Uma cidade que é a terceira do País em população falhou até aqui na oferta de transporte de massa. O metrô de seis quilômetros, quando pronto, após dez anos de avanços e negações, cobrirá apenas metade da extensão da primeira linha de bondes puxados a burros, de 1873, segundo lembrou uma articulista deste jornal.

É imperioso que a prefeitura e a governadoria sejam apresentadas e, depois dos cumprimentos de praxe, sentem-se à mesa para transformar os seus planos em um só projeto modelar. A necessidade de obras, sobretudo de largos acessos ao futuro estádio e aos terminais de embarque e desembarque, brada aos céus. Turismo e segurança pública clamam pela capacitação de pessoal.

O exemplo da China, sede das últimas Olimpíadas, é ilustrativo do esforço devido pela Bahia em nível internacional. Ainda comporta elogios a recepção chinesa a visitantes do mundo inteiro, que trouxeram uma imagem positiva de trabalho, criatividade, confiança no futuro, empenho público na oferta de conforto e segurança.

Simanca



JULIO CESAR DE SÁ DA ROCHA

A gestão participativa das águas



A Constituição Federal de 1988 estabeleceu a responsabilidade do governo federal em criar o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos

Hídricos (Singreh) e disciplinou o regime jurídico das águas a ser partilhado entre União e estados.

Em 1997, surge a Lei da Política Nacional de Recursos Hídricos, tendo como fundamento a noção de que a água é um bem público e recurso natural limitado dotado de valor econômico. Em caso de escassez e conflitos de uso, o abastecimento humano e animal torna-se prioridade; os usos múltiplos devem ser assegurados; a bacia hidrográfica é a unidade territorial para a implementação da política, e a gestão das águas deve ser descentralizada e participativa.

Nesse sentido, na arquitetura insti-

tucional, são estabelecidos o Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH), a Agência Nacional de Águas (ANA), os conselhos estaduais, os comitês de bacias hidrográficas, os órgãos estaduais gestores das águas e as agências de bacias. O CNRH completou dez anos de instalação consolidando-se como instância superior do sistema.

Por sua vez, os comitês de bacias assumem espaço privilegiado para promover o debate das questões relacionadas a recursos hídricos e articulação das entidades intervenientes, mediação de conflitos da água, aprovação e acompanhamento do plano de bacia. O plano é instrumento fundamental para a gestão das águas e da própria participação e razão de ser dos comitês de bacias. Cada bacia ou reunião de bacias deve ter seu comitê de bacia ou de bacias, que pode ser federal ou estadual, a depender de seu domínio (federal, quando atravessa mais de um Estado, por exemplo). Os co-

mitês de bacias, que chegam a 180 em todo o Brasil, surgem quase duas décadas atrás em estados, como o Rio Grande do Sul, e nos últimos 11 anos, no âmbito federal com a Lei Federal 9.433/97.

Caber salientar que antes da existência dos comitês, as informações e a discussão sobre bacias hidrográficas estavam dispersas em órgãos governamentais diversos, o que dificultava a construção de políticas efetivas para as águas. O comitê é uma instância colegiada formada por representantes dos poderes públicos (municipal, estadual e federal), da sociedade civil e dos usuários da água (dos setores de irrigação, abastecimento humano, energia elétrica, navegação, lazer, turismo e pesca), com a competência de promover a gestão participativa dos recursos hídricos. Os membros de um comitê de bacia são eleitos através de um processo democrático, com mandato renovado periodicamente.

Na Bahia, a Lei Estadual 10.432/06

estabelece o Comitê de Bacia Hidrográfica como ente público, com poder consultivo e deliberativo. Fazem parte da composição do Sistema Estadual de Gerenciamento dos Recursos Hídricos, que tem no Conselho Estadual de Recursos Hídricos (Conerh) sua instância colegiada superior.

Por sua vez, a Secretaria do Meio Ambiente (Sema) assume papel de órgão central, tendo a finalidade de assegurar a promoção do desenvolvimento sustentável, formulando e implementando as políticas públicas, voltadas para harmonizar a preservação, conservação e uso sustentável do meio ambiente. O órgão gestor das águas na Bahia é o Instituto de Gestão das Águas e Clima (Ingá), diante da Lei Estadual 11.050/08. Compete ao Ingá fomentar a criação dos comitês, avaliar o processo de implementação, custear sua manutenção, por meio de apoio administrativo, técnico e financeiro, exercendo o

papel de Secretaria-executiva dos Comitês de Bacias.

O Ingá contribui para promover a participação da sociedade nas decisões do gerenciamento dos recursos hídricos no Estado, até que seja formada a agência de bacia. O instituto possui também como atribuição, em conjunto com os comitês, fomentar a formação dos membros eleitos para que tenham maior domínio sobre a gestão das águas, bem como fortalecer esse espaço público de diálogo e construção de políticas públicas.

Desde 2007, outros avanços significativos são observados: o Programa Água para Todos (PAT), a fiscalização do uso das águas, o monitoramento da qualidade das águas superficiais e subterrâneas, o enquadramento dos rios em classes de qualidade, a implementação da Política de Combate à Desertificação e Recuperação de Matas Ciliares, entre outros.

PROPRIEDADE DA EMPRESA EDITORA A TARDE
Sede: Rua Prof. Milton Cayres de Brito, nº 204 - Caminho das Arvores, CEP 41822-900 - Salvador - BA. Redação: (71) 3340-8800, PABX: (71) 3340-8500. Fax: (71) 3340-8712/8713. Publicidade: (71) 3340-8757/8731. Fax: 3340-8710. Circulação Capital: (71) 3340-8612. Fax: 3340-8732. Endereço telegráfico: TARDE

SUCURSAS I Brasília (DF) - SCS, Qd. 1, Ed. Central, salas 1001 e 1008 CEP 70304-900. Tels. (61) - 3226-0543 - 3226-1343 I Camaçari (BA) - Av. Raelja B, nº22, Edif. Abrantes, sala 102 - Centro - Camaçari CEP 42807-380 Tel. (71) - 3627-4929 I Barreiras (BA) - Rua D. Pedro II, 133, 2º andar, sala 04 CEP 47800-000 Tel. (77) - 3611-4444 I Eunápolis (BA) - Av. Porto Seguro, nº 511, Edif. Dinâmica Center, sala 103A - Centro CEP 45820/000 Tel. (73) -

3281-7650 I Feira de Santana (BA) - Feira de Santana - Av. Getúlio Vargas, 1942, 1º andar - Centro CEP 44010-100 Tel. (75) - 3625-1044 I Itabuna (BA) - Av. Cinqüentenário, 312, Centro Empresarial Sul, salas 101 e 102 CEP 45600-000 Tel. (73) - 3211-4462 I Juazeiro (BA) - Rua Cel. João Evangelista, 24, Edif. Juacy Campelo, 1º andar, salas 101 e 102 - Centro CEP 48900-000 Tel. (74) - 3611-7912 I Rio de Janeiro (RJ) - Rua da alfândega, 91, sala 206 - Centro CEP 20070-001 Tel.

(21) - 2224-3086 I Santo Antônio de Jesus (BA) - Av. Roberto Santos, s/n, Shopping Itaguary, 2º piso, sala 212 CEP 44570-060 Tel. (75) - 3631-3010 I Vitória da Conquista (BA) - Rua Ascendino Melo, 256, 2º andar, sala 201 - Centro CEP 45020-740 Tel. (77) - 3422-1965 I REPRESENTANTES COMERCIAIS I São Paulo (SP) - Rua Araújo, 70, 7º andar, CEP 01200-020. (11) 3259-6111/6532. Fax (11) 3237-2079.

I Jequié (BA) - Lu Lelis Publicidade. Rua Tiradentes, nº 12, Centro, Jequié CEP 45202-370 Tel. (73) 3525-4327/4102 Cel. 8859-2391 I Sergipe e Alagoas - Gabinete de Mídia & Comunicação Rua Rosalina, 346 Jardim Mar Azul / Farolândia / CEP: 49032150 Aracaju-SE Tel. (79) 3246-4139 Cel. 9978-8962

atô Redação (71) 3340-8990 (71) 9973-8800

Sugestões de pautas: aloredacao@grupoatarde.com.br Segunda a sexta: 8 às 20h Sábados, domingos e feriados: 8 às 13h



A TARDE premiada pela Society for News Design